



Gratia et Spes: A Bem-aventurada Virgem Maria na Liturgia Anglicana

Rev. Rodson Ricardo Souza do Nascimento¹.

*Maria, Maria é o dom, uma certa magia, uma força que nos alerta.
Uma mulher que merece viver e amar, como outra qualquer do planeta.
Maria, Maria é o som, é a cor, é o suor, é a dose mais forte, lenta,
de uma gente que ri, quando deve chorar,
e não vivi, apenas agüenta.
Mas é preciso ter graça, é preciso ter gana sempre.
Quem traz no corpo essa marca, Maria, mistura a dor e a alegria (...)
E possui a estranha mania de ter fé na vida.
Milton Nascimento. Maria, Maria.*

Introdução: *Maria, patrimônio da humanidade.*

"Pois que desde agora me chamarão Bem-aventurada" (Lc 1,27). Se existe uma profecia que pode ser "cientificamente comprovada" é essa sobre Maria, pois *a despeito das brevíssimas passagens em que é mencionada na Bíblia, Maria adquire na atualidade um status simbólico, religioso e místico que vai muito além da devoção piedosa. Na verdade, Talvez nenhuma outra mulher na história da humanidade represente com tal força e para tantas pessoas o ideal feminino de virtude. Para católicos, protestantes, judeus e muçulmanos; para artistas, músicos e escritores de toda parte ela tem mostrado inúmeras faces e representado uma multiplicidade de aspectos*².

Na vida litúrgica, na arquitetura ou na iconografia de nossas igrejas, nos trechos bíblicos ou na hinoologia, nos deparamos constantemente, de variadas maneiras, com essa figura feminina que, em dois mil anos de história cristã, despertou a admiração e a reflexão teológica: a imagem da mãe de Deus, Maria de Nazaré.

Arquétipo supremo da presença do feminino na Igreja ela se abre num leque de múltiplas interpretações. Alguns a defendem como "ideal de mãe e esposa", outros a recusam como "obediente e servil", e muitos a valorização por seus gestos de autonomia e coragem, cujo compromisso com os pobres a tornam o "modelo supremo" da dignidade da mulher³.

No campo ecumênico as divergências não são menores. Embora tenha sua importância reconhecida por católicos, ortodoxos, anglicanos e protestantes não há

¹ Clérigo da Diocese do Recife, Natal/RN e Professor de Teologia do Curso de Ciências da Religião da UERN.

² Pelikan (2000,p.1).

³ Lauretin (1965); Boff (1979); Boff (2003); Forte (1991); Gedara & Bingemer (1987).



consenso sobre como devemos honrá-la ou entendê-la: Qual o papel das tradições pós - bíblicas nos ensinamentos cristãos? Qual a legítima posição dos santos, e especialmente da Mãe do Senhor, nas celebrações litúrgicas? Quem possui verdadeira autoridade para decidir sobre essas questões?

Diante de tanta polêmica não é estranho que muitos se recusem ou desistam de falar sobre Maria. Outros temem, não sem alguma razão, um retorno aos excessos marianos do período medieval, onde se valorizava mais a ela que a Cristo. É o caso da maioria dos protestantes. Mas nós não pensamos assim. Com certeza está errado confundir a devoção a Maria com o culto que é devido somente a Deus.

A questão sobre Maria é que ela foi uma jovem comum, uma camponesa da região mais pobre da Palestina. Porém, e é um grande, porém, ela foi uma jovem comum escolhida para fazer algo extraordinário: tornar-se a Mãe do Filho de Deus. Portanto, é preciso entender Maria sempre em relação ao seu Filho, pois se nós ficamos muito "sentimentais" a respeito de Maria, terminamos esquecendo porque ela realmente é importante. Por outro lado não se pode menosprezar sua importância. Ao longo da história da Igreja Maria sempre ocupou um lugar especial, os fiéis sempre experimentaram nela um modelo de vida, graça e esperança. Como afirma Boff: *Como Transparece, Maria constitui um meio privilegiado da autocomunicação do mistério de Deus. A história divina, da simpatia de Deus para com os homens, se torna incompleta sem a figura impar de Maria*⁴. Renunciar a Maria, portanto, não significa renunciar a algo puramente periférico ou de pouca importância; ao contrário, significa perder um componente central e insubstituível do Evangelho⁵.

Este texto busca ampliar a compreensão sobre a figura de Maria no culto da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil. Fundamenta-se na pesquisa litúrgica, consulta de autores anglicanos e análise da literatura recente, em especial o documento da ARCIC (Comissão Internacional Anglicana – Católica Romana) sobre o Tema⁶.

Buscamos favorecer a re-apropriação da figura da Virgem Maria na vida da Igreja e na história da salvação. Pois, como, já afirmamos: Maria é um patrimônio de todo o povo de Deus e não apenas de uma parte dele.

1. Maria e a Reforma na Igreja Anglicana

Não é nosso objetivo aqui fazer uma história da Reforma na Igreja Inglaterra, para isso existe biografias especializadas. Convém, no entanto, ao tratarmos de Maria na liturgia hoje, discutirmos alguns aspectos da Reforma Protestante. O filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) afirmava que a modernidade nos legou uma "hermenêutica da suspeita" em relação à Tradição. Podemos, entretanto, optarmos pela "desmistificação" (eliminação, substituições) ou pela "desmitologização" (releituras, atualizações) dos seus símbolos. Com Maria não é diferente. A Reforma tanto pode ser interpretada como uma reação a algumas práticas abusivas e desenvolvimentos

⁴ Boff (2003, p. 20).

⁵ O Catecismo Evangélico dos Adultos, da Igreja Luterana Alemã, afirma que *Maria faz parte do evangelho e que não é apenas "católica", mas também "evangélica"* (Apud VON BALTHASAR: 1979, p. 73). Na verdade tal atitude pode ser encontrada já nos primeiros escritos de Lutero, como veremos posteriormente.

⁶ ARCIC (2005).



teológicos equivocados sobre Maria, quanto como uma negação em conjunto do lugar e da importância de sua figura. Adotaremos aqui a primeira dessas possibilidades.

Nessa perspectiva o Documento da ARCIC afirma *Um impulso poderoso para a Reforma no início do século XVI foi a reação muito difundida contra as práticas devocionais que tinham Maria como mediadora ao lado de Cristo, ou algumas vezes até mesmo no lugar dele dessa forma Tais devoções exageradas, em parte inspiradas pelas apresentações de Cristo tanto como Juiz inacessível quanto como Redentor, foram duramente criticadas por Erasmo e Thomas More e resolutamente rejeitadas pelos reformadores.*⁷

Vejam, sucintamente, como um teólogo ecumênico⁸ analisa a “mariologia” dos três grandes reformadores (Zúínglio, Lutero e Calvino). Tavard afirma que Huldrych Zúínglio (1484-1531) *agia com a preocupação de um pastor que estava a par da piedade mariana tradicional do povo [...], desejava preservar esta forma de devoção e ao mesmo tempo eliminar e controlar os excessos doutrinários e devocionais.* Por isso foi a *figura mais mariana da Reforma*⁹.

Já bem outra era a preocupação de Lutero, que não era um pastor, *mas um frade e um erudito treinado em teologia escolástica, professor de estudos bíblicos na universidade.* Lutero pregou em muitas festas tradicionais de Maria e em seu comentário ao Magnificat¹⁰ mostra conservar uma piedade viva para com a Virgem Maria. Sua maior preocupação era *trazer todas as afirmações e devoções a respeito da mãe de Cristo sob o julgamento do cerne do Evangelho, a justificação pela fé*¹¹.

Quanto a João Calvino (1509-1564), muitas vezes se diz que não teria mariologia, mas, na realidade, em seus comentários bíblicos e em sua pregação, não evita refletir sobre a Virgem Maria e sua posição em relação a Cristo e à Igreja. Como Lutero, quer que toda doutrina sobre Maria seja compatível com a justificação pela fé. No entanto, sua atitude com relação às práticas devocionais do povo é especialmente polêmica. Procurou, *com mais ardor do que os demais Reformadores, eliminar as expressões papistas da piedade mariana*¹², o que, com o surgimento dos puritanos, significou perseguições, destruição de imagens e capelas dedicadas à Virgem¹³. Como sabemos a Reforma na Inglaterra oscilou entre as influências luteranas (moderadas) e calvinistas (radicais).

No seu estudo sobre a influência de Maria na história e cultura Ocidental Jaroslav Pelikan afirma *Certa vez Gilbert Chesterton observou que, quando uma grande fé se apaga, seus aspectos mais sublimes são os que desaparecem em primeiro lugar: os puritanos rejeitaram o culto da Virgem Maria, mas continuaram a queimar bruxa*¹⁴. Pois bem, será precisamente sob pressão católica, hegemonia puritana e emergência anabatistas, que os 39 Artigos serão produzidos.

⁷ ARCIC, 2005, p.36.

⁸ Tavard (1999, p.141.179)

⁹ Idem, p. 147 e 143.

¹⁰ Lutero (1991).

¹¹ Tavard (1999 p. 150 e 174).

¹² Idem, p. 175.

¹³ Como exemplo dessa prática ver Pelikan (2000, p. 208-209).

¹⁴ Pelikan (199, p.205)



No entanto, apesar da força dos calvinistas (Artigos XVII, IX e XXII) Maria continuou ocupando um lugar especial na Igreja da Inglaterra. A manutenção de cinco festas associadas a ela no calendário do LOC de 1561-1662 são testemunhas disso.

Há um caminho específico do anglicanismo entre as Igrejas da Reforma, inclusive com relação à devoção mariana, as convicções e práticas antigas com relação a Maria *nunca foram totalmente erradicadas (do anglicanismo) e com o tempo voltaram a florescer. Na realidade, referências marianas dispersas embora significativas já são encontradas nos documentos básicos da Reforma inglesa*¹⁵.

Maria nunca desapareceu da vida da Igreja Anglicana, *apesar da diminuição na devoção a Maria no século XVI, a veneração a ela resistiu no uso contínuo do Magnificat na oração Vespertina (Evening Prayer) e na inalterada dedicação de igrejas antigas e capelas à Virgem Maria (Lady Chapels).* E ainda:

*No século XVII, escritores, como Lancelot Andrews, Jeremy Taylor e Thomas Ken re-apropriaram-se da tradição patrística de apreciação, mas completa do lugar de Maria das orações do crente e da Igreja. Por exemplo, Andrews, em seu Prece Privatae, fez uso das liturgias orientais ao mostrar calorosa devoção a Maria, 'comemorando a toda santa, imaculada, mais que bem-aventurada Mãe de Deus e sempre Virgem Maria. Essa reapropriação pode ser observada no século seguinte e no Movimento de Oxford, no século XIX.*¹⁶

Mas talvez o lugar onde Maria, mas tenha permanecido no coração dos ingleses tenha sido na poesia, pois a poesia religiosa inglesa é significativa do lugar de Maria na piedade anglicana¹⁷. Mesmo poetas assumidamente puritanos como John Milton (Paraíso Perdido) e William Wordsworth (Baladas Líricas) lhe prestam exultantes louvores:

*Mãe! Cujo peito virginal não foi marcado
Pela mais ínfima sombra de pensamentos pecaminosos;
Mulher! Acima de todas as outras glorificada,
Nossa maculada natureza ostentas;
Mais pura do que a espuma do oceano intocado;
Mais pura que a espuma do oceano intocado;
Mais fulgurante que os céus do leste na aurora irradiada
dos tons róseos; mais que a lua imaculada
No horizonte azul antes de se tornar minguante;*

¹⁵ Tavad (1999, p.181).

¹⁶ ARCIC (2005, p. 37-38).

¹⁷ Sobre a relação entre poesia e transcendência Heidegger (Apud VON BALTHASAR: 1979, p. 58) afirma, "A poesia concentra o homem no fundamento da própria existência. Aqui ele encontra a calma (...) Quando originalmente são nomeados os deuses e se exprime a natureza das coisas, de modo que estas só resplendem quando isso acontece, a existência do homem é posta em sólida relação com o seu fundamento e colocada sobre ele"



*Tua imagem sobre a terra.mas alguns, suponho,
Já perdoados, os suplicantes joelhos poderiam dobrar,
Como a um invisível Poder diante do qual se inclina
tudo o que se incorporou e reconciliou em Ti,
O amor da mãe com a virginal pureza,
A grandeza com a pequenez, o celestial com o terreno!*¹⁸

Finalmente cabem algumas referências à utilização política do imaginário mariano. Pelikan lembra que *Um aspecto particularmente fascinante da relação entre a Reforma protestante e o culto a Maria como Virgem e Rainha foi o culto prestado a Elizabeth I como Virgem e Rainha, como Gloriana (...)* Esse “culto da Gloriana” foi habilmente criado para proteger a ordem pública e, principalmente, para substituir as exterioridades da religião pré - reformista, a exemplo do culto da Virgem e dos santos com suas imagens, procissões, cerimônias e comemorações profanas. Embora ainda exista muito que se conhecer sobre ele, e embora sua existência seja questionada por alguns autores *há pelo menos algumas indicações de que Elizabeth conscientemente invocou esse paralelo*¹⁹. Por exemplo, a associação de seu título de “Rainha Virgem” com a da “Rainha Virgem de Walsingham”, principal manifestação mariana de Maria na Inglaterra.

Assim, se Maria foi afastada da reflexão teológica e do culto público, por outro lado, o seu lugar tradicional de piedade e respeito manteve-se latente no imaginário do povo e no coração dos poetas.

2. Maria e a Comunhão dos Santos na Igreja Anglicana

Acreditamos não ser necessário relembrarmos as características próprias do *Ethos* anglicano contemporâneo. Basta somente afirmar que existe uma ampla tolerância entre as igrejas que estão em Comunhão com a Sé de Cantuária tanto quanto a variações litúrgicas como teológicas. O que implica em admitir que uma província, diocese ou paróquia, seja mais católica ou reformada, tradicional ou carismática.

Neste texto não enfatizaremos esses aspectos. Antes nos deteremos a interpretação da teologia subjacente ao texto litúrgico oficial da Província Brasileira, o *Livro de Oração Comum* (LOC), símbolo da unidade e padrão confessional da Igreja.

Escolhemos essa metodologia pela importância que a liturgia teve e tem para o anglicanismo: *Quando nos perguntam “no que” a Igreja Anglicana crê, normalmente apresentamos o Livro de Oração Comum, como um texto que contém nossa crença. A Igreja anglicana crê como ora. Lex credendi lex orandi. E é assim, também quanto a pessoa da Virgem Maria. Se quisermos saber qual o lugar dado à mãe de nosso Salvador na Igreja anglicana, devemos pesquisar, antes de mais nada, o LOC*²⁰.

É exatamente isso que afirma a Declaração da ARCIC sobre a Virgem Maria:

¹⁸ Worsdsworth Apud Pelikan (2000, p, 224)

¹⁹ Idem, p. 217

²⁰ Aquino (2004, p.1).



Conscientes do lugar eminente de Maria na história da salvação, os cristãos, reservam-lhe um lugar especial em suas orações privadas e litúrgicas, louvando a Deus por aquilo que tem feito nela e por meio dela. Ao cantar o Magnificat, eles louvam a Deus com ela; na Eucaristia, eles rezam com ela como fazem com todo o povo de Deus, integrando suas orações na grande comunhão dos santos. Eles reconhecem o lugar de Maria na "oração de todos os santos", que é expressa diante do trono de Deus na liturgia celeste (Ap 8,3-4). Todas essas maneiras de incluir Maria no louvor e na oração pertencem à nossa herança comum. Como também nosso reconhecimento de sua posição única como Theotókos, que lhe dá um lugar distinto na comunhão dos santos²¹.

Evidentemente que isso não significa que não existam diferenças e impasses na compreensão do papel da Virgem Maria no interior das duas igrejas (por exemplo, os Dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção)²². Foi exatamente para ajudar a esclarecer essas diferenças que o documento surgiu. O importante é que o mesmo, além de esclarecer melhor o lugar de Maria nas duas igrejas, ampliou o entendimento sobre o conceito de Comunhão dos Santos e da única mediação de Cristo, essenciais nesse ponto:

Nós concordamos que só pode haver um mediador entre Deus e o homem, Jesus Cristo, e rejeitamos qualquer interpretação do papel de Maria que obscureça essa afirmação. Nós concordamos em reconhecer que a compreensão cristã sobre Maria está inseparavelmente ligada à doutrina de Cristo e da Igreja. Nós concordamos em reconhecer a graça e a vocação única de Maria, Mãe de Deus encarnado (Theotókos), em observar suas festas e em assentirmos com sua honra na comunhão dos santos (...).²³

Dessa forma,

Em nossa oração como cristãos, dirigimos nossos pedidos a Deus, nosso Pai celeste, em Jesus Cristo e por meio dele, na medida em que o Espírito Santo nos move e nos torna aptos. Toda invocação acontece na comunhão, que é o ser e o dom de Deus. Na vida de oração, invocamos o nome de Cristo em solidariedade com toda a Igreja, assentida pelas preces de

²¹ ARCIC (2000, p. 52-53).

²² Takatsu (SD); Teixeira (1999); Aquino (2204); ARCIC (2005: p. 10).

²³ ARCIRC (2000, p. 10).



irmãos e irmãs de todo tempo e lugar. Como a ARCIC já expressou previamente: "A peregrinação de fé do fiel vive com o suporte mútuo de todo o povo de Deus. Em Cristo, todos os fiéis, tanto vivo quanto os mortos, estão unidos numa comunhão de oração (...) Tal experiência intuitiva afirma nossa solidariedade em Cristo com os cristãos de todos os tempos e lugares, não menos com a Mulher, por meio da qual ele se tornou "à nossa semelhança, sem todavia pecar" (Hb 4,15).²⁴

E, finalmente, o Documento afirma que *Entre todos os santos, ainda toma seu lugar como **Theotókos**: viva em Cristo, ela permanece aquela que deu à luz, ainda "altamente favorecida" na comunhão de graça e esperança, um exemplo da humanidade redimida, um ícone da Igreja (...).*²⁵

Assim podemos afirmar que:

1) A existência da Comunhão dos Santos como comunhão daqueles que na terra estão unidos a Cristo, como membros vivos do seu Corpo Místico. Cristo, Filho de Deus, é o centro de toda nossa fé, alicerce e Cabeça da Igreja (Ef 4,15-16), por meio dele nos unimos ao Pai e ao Espírito Santo;

2) Essa união mística de toda a Igreja, Cabeça e membros, que é a Comunhão dos Santos em Cristo, implica uma solidariedade que se exprime também na oração de uns pelos outros; esta oração depende daquela de Cristo, sempre vivo para interceder por nós (Hb 7,25);

3) Nem mesmo a morte é capaz de rompê-la. Existe, pois, uma comunhão entre os que pertencem a Cristo, quer vivam na terra, quer, tendo deixado os seus corpos, estejam com o Senhor (2 Cor 5,8; Mc 12,27);

4) Nesse contexto compreendemos que a intercessão dos santos existe e se dar por meio do Espírito Santo e de Jesus Cristo. Que essa "oração com os santos", e não "a os santos" visto que toda nossa oração se dirige ao pai por meio de Cristo, é semelhante a que realizamos na terra uns pelos outros (Ap 5, 9-14; 7, 9-12; 8,3-4)

5) Que essas orações não buscam "informar" e nem "convencer Deus de nada", visto ser seu conhecimento infinito. Essa intercessão busca nos fortalecer como Igreja e aumentar nossa abertura à vontade e a ação de Deus em nossas vidas.

A idéia dessa "Comunhão dos Santos" (*Communio Sactorum*) encontra-se presente em toda a liturgia anglicana, nos credos e na eucologia. Isso se dar pelo caráter essencialmente coletivo de nossa fé. Diferente de outras manifestações do cristianismo que preferem orar "na solidão dos seus quartos escuros", o anglicanismo sempre valorizou mais o culto público e a oração comunitária. Não é a toa que o seu livro de liturgia chame-se precisamente *Livro de Oração Comum*.

3. As múltiplas faces de Maria

²⁴ ARCIC (2000, p. 55).

²⁵ ARCIC (2000, p. 56).



Percebemos que a figura de Maria tem um destaque especial entre os santos e santas de Deus (Marcos 3,32; Lucas 2,48; João 19,25). Ao ser escolhida para ser a Mãe do Messias, Maria recebeu de Deus a plenitude da graça (*kecharitomene, gratia plena*) e, por esta razão, é saudada pelo Anjo como "*cheia de graça*" (Lucas 1,28). Ela mesma, reconhecendo sua pequenez de serva agraciada por Deus, reconhece: "*Todas as gerações me chamarão de bem –aventurada*" (Lucas 1,48).

Precisamente por isso, *A prática histórica da Igreja Anglicana tem reservado um lugar especial para Maria. Este espaço reservado para a pessoa da Virgem em nossas comunidades, tem sido bem maior do que o espaço encontrado em outras comunidades da Reforma (...)*²⁶. É exatamente por causa de sua proximidade única com Jesus que ela é lembrada com tanta frequência na Igreja, em festas especiais, nas orações, nos ícones (quadros), em vitrais e capelas dedicadas a ela, como veremos posteriormente.

A compreensão da realidade da Comunhão dos santos e do lugar especial que nela ocupa Maria já foi tema de um importante encontro de teólogos luteranos, romanos e anglicanos (O Encontro de Malta, 1983). O seu Documento final assim afirma²⁷:

5. No interior desta doutrina, compreende-se o lugar que pertence a Maria, Mãe de Deus. É precisamente a relação a Cristo que, na Comunhão dos Santos, lhe confere uma função singular de ordem cristológica. Além disso, a oração de Maria por nós deve ser considerada no contexto cultural de toda a Igreja celeste descrito no Apocalipse, ao qual a Igreja terrestre quer unir-se na sua oração comunitária. Maria ora no seio da Igreja como outrora o fez na expectativa do Pentecostes (cf. At 1,14). Por outro lado, quaisquer que sejam as nossas diferenças confessionais, não há razão alguma que impeça unir a nossa oração a Deus no Espírito Santo com a da liturgia celeste e, de modo especial, com a da Mãe de Deus.

Como sabemos a veneração aos santos está intimamente ligada a comemoração da memória dos primeiros mártires cristãos, como testemunha a "Carta da Igreja de Esmirna à Igreja de Deus que está em Filomelo e a todas as comunidades da Santa Igreja Católica em todos os lugares", que relata o martírio de Policarpo, Bispo de Esmirna e discípulo de João²⁸ no século I. Na data do "aniversário de nascimento (morte)" do mártir, e no local onde estava enterrado, a igreja celebrava uma Eucaristia e louvava a Cristo por sua vida e vitória sobre a morte.

Havia uma crença, já presente no Apocalipse, que os que haviam sido sacrificados por amor a Cristo, desfrutavam de uma união certa e íntima como ele

²⁶ Aquino, p.2.

²⁷ Declaração de Malta (2005, p.1).

²⁸ Auge (2004, p. 327).



na glória. O Santo era, nesse momento, não tanto alguém “especial” ou “raro” mas principalmente o “modelo a ser imitado”, símbolo maior do testemunho (martyria, em grego) da Igreja, pois o que aconteceu àquele cristão ou cristã, pode e deve se repetir entre todos. O santo não era um “mestre admirável”, mas uma testemunha palpável da realidade da Salvação de Cristo. Paulatinamente essa crença foi se estendendo aos primeiros discípulos e, entre eles, à figura da Mãe do Senhor. Ao crescer a Igreja cresce também Maria. Quanto mais reflete sobre a humanidade de Cristo mas valor atribui a sua mãe biológica.

A reflexão teológica, que se inicia com o Evangelho de Lucas, partindo da figura de Jesus, reconhecerá em Maria, exemplo de discípula e objeto de eleição única por Deus, devido a sua condição de Mãe de Jesus Cristo. Pois foi o seu “sim” que, primeiro atingindo a ela mesma, espalhou a redenção a todo o mundo (Lc 1,38). A primeira oração dirigida expressamente a Maria é a invocação *Sub Tuum praesidium* escrita entre o final do século III, mas será somente no século IV (Éfeso, 431) que as bases da reflexão sobre sua obra na Igreja estará completa: ela aparecerá como a “Nova Eva”, “modelo de discípula” e “tipo” de toda a Igreja. Analisemos agora como se dá essa presença Mariana na liturgia anglicana.

4. E me chamarão Bem-aventurada: Maria no lecionário Anglicano

A Igreja Anglicana segue o Calendário Cristão Ocidental. Acompanha as demais “igrejas litúrgicas” na rememoração da ação de Deus na história e no desenvolver do mistério pascal. Ano Litúrgico começa com o Primeiro Domingo do Advento, próximo a 30 de Novembro, e termina no último sábado do Tempo Comum, que é na véspera do Primeiro Domingo do Advento do ano seguinte.

A Palavra de Deus tem lugar especial no culto anglicano. Ela é lida e meditada durante todo o ano. Existem dois grandes lecionários: o Semanal e o Dominical. No dominical são lidos os Quadro Evangelhos, divididos em ano A (Mateus), B (Marcos) e C (Lucas), sendo que o evangelho de João é lido durante as festas e momentos especiais do ano. Na medida em que essas leituras vão sendo feitas, ela vai surgindo, direta ou indiretamente, como uma personagem importante dessa história.

A figura de Maria pertence ao Novo Testamento. Ela nasceu no tempo do Novo Testamento. Todos os relatos específicos e diretos que falam dela estão no Novo Testamento. Porém, como acontece com seu Filho (Is 53, p.ex), algumas passagens do Antigo Testamento foram lidas pela Igreja como profecias a seu respeito. Os primeiros exegetas cristãos consideravam que “O Novo Testamento se oculta no Velho e o Velho se torna visível no Novo” (*Novum in Vetere latest, Vetus in Novo patest*). São exemplos dessas leituras Gênesis 3,15 (o confronto da serpente com a Mulher e sua Descendência); Isaias 7,14 (a Virgem que conceberá); Miquéias 5,2 (anúncio do nascimento do Messias) e Sofonias 3,14-18 (saudação à Filha de Jerusalém).

No decorrer da história da interpretação bíblica surgiram muitas escolas hermenêuticas. A modernidade nos trouxe o método histórico – crítico, objetivo e científico. A Patrística tinha outra forma de ler os textos sagrados: a tipologia. Assim Cristo foi percebido como o “Novo Adão” (Rm 5,14) e sua Mãe como a “Nova Eva” (Gn 3,15).



O texto de *Gálatas 4,4* (Na plenitude dos tempos Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher) é a primeira referência que temos a Maria no Novo Testamento. O tema central de todo o Novo Testamento é a Salvação por meio de Jesus Cristo. Essa salvação, de acordo com a teologia paulina, se deu por meio da Encarnação do Filho de Deus em uma mulher. Paulo nos surpreende, substituindo a mulher pelo nome do Pai. Dessa forma Maria é colocada exatamente nesse vértice do plano redentor. Através do seu ministério materno, o Filho do Pai, preexistente ao mundo, se radica na cepa da humanidade. Ela é a Mulher que o reveste com a nossa carne e o nosso sangue.

O *Evangelho de Mateus* é um dos dois que fazem menção ao nascimento de Cristo. A intenção de Mateus é a de mostrar que Jesus foi o Messias prometido no Antigo Testamento através do cumprimento das promessas feitas a Abraão e a Davi, passando por todos os profetas. Por isso Maria é apresentada como a mãe virginal de Jesus que o concebe pela ação do Espírito Santo sem intervenção humana, mostrando a gratuidade da iniciativa divina. Ela aparece na narrativa da origem e da infância de Jesus (Mt 1-2) e em alguns textos referentes à vida pública de Jesus (Mt 12, 46-50 e Mt 13, 53-58).

Um aspecto importante na genealogia de Mateus foi sua substituição de José por Maria (1,16) na corrente genealógica. Se antes o encadeamento paterno era o elemento fundante na genealogia, agora nós temos a ação especial de Deus na história e na cultura: José não é o pai biológico de Jesus. Assim, a mensagem do relato resume-se em: o nascimento de Jesus se deve à ação do Espírito Santo em Maria (1,18-25).

No *Evangelho de Marcos*, o mais antigo dos quatro, Maria aparece apenas duas vezes durante todo o seu relato. Diferente de Lucas, as citações são poucas, mas significativas. Maria nos é apresentada como a discípula fiel que faz parte essencial da família de Jesus porque cumpre a vontade do Pai e a mulher que acolhe a todos como filhos e irmãos de Jesus (Mc 3,20-21. 31-35).

O *Evangelho de Lucas* é o que mais fala de Maria²⁹. Num total de 152 versículos do NT sobre Maria, 90 são de Lucas (1 versículo aparece no livro dos Atos e 89 no terceiro evangelho). Na narrativa lucana Maria é ressaltada desde o início. Lucas nos apresenta muitas qualidades de Maria. Ela é o exemplo vivo do discípulo e seguidor de Jesus, que acolhe a Palavra de Deus com fé, guarda e medita em seu coração e põe em prática, produzindo muitos e bons frutos (Lc 2,48-51).

Maria é apresentada como a grande peregrina na fé. O "SIM" dado a Deus na sua juventude é renovado constantemente no decorrer de toda a sua vida. Mas ela não nasce como uma santa pronta e acabada. Ela passa por crises e situações difíceis e desafiadoras contribuindo para o seu crescimento na fé. Seu cântico mostra que Deus prefere em especial os pobres e pequenos.

²⁹ Sobre a "perspectiva mariana" de Lucas, Pelikan afirma (200, p. 35-36) "Tão dominante era a personagem de Maria na narrativa do nascimento de Jesus escrita por Lucas que alguns leitores da Antigüidade chegaram a se perguntar de onde vinham todos aqueles detalhes, pois não apareciam em outros relatos"(...) Nesses capítulos, a exposição da história, escrita na perspectiva da Virgem Maria, parece deixar explícito que ela se constituiu na principal fonte de informações entre as testemunhas originais e os seguidores do Evangelho"



No *Atos dos Apóstolos* ela é apresentada em oração junto a comunidade dos féis, pedindo o derramamento do Espírito Santo (At 1,14).

O Evangelho de João, último dos quatro a ser escrito (90 a 100 d.C), apresenta uma reflexão mais madura sobre Jesus Cristo. Nele Maria é mencionada em dois momentos importantes: as Bodas de Caná (Jo 2,1-12) e na sua morte junto à cruz. Maria, portanto está presente no início e no fim do ministério de seu Filho na terra. Diferentes dos outros o texto joanino é essencialmente simbólico. A figura de Maria serve, entre outras coisas, para traduzir todo o reconhecimento da presença feminina na comunidade de João, na ação evangelizadora que as mulheres desempenhavam no testemunho do Evangelho no início do Cristianismo.

No Evangelho de João, como já dissemos as mulheres representam o serviço generoso e destacado exercido por elas nas primeiras comunidades; o "discípulo amado" (talvez o próprio João) representa o modelo ideal de todo cristão que apesar das contrariedades e cruces da vida, permanece fiel a Cristo. Provavelmente ao juntar Maria junto à cruz de Jesus nesse momento o autor quisesse fazer uma relação entre as Bodas de Caná onde Maria esteve presente no início das atividades do seu Filho, como no pleno cumprimento de sua missão, através da morte da Cruz, pois tanto o discípulo amado com Maria, são representações da Igreja.

Finalmente temos a presença da figura da "mulher vestida de sol" no capítulo 12 do *Apocalipse*. Como sabemos todo esse livro é repleto de uma linguagem simbólica e esotérica. Seu objetivo era confortar as primeiras comunidades que sofriam perseguição por amor a Cristo. Os personagens do drama são ambíguos: o dragão e a mulher e sua descendência. O texto tem primeiramente caráter eclesiológico (A mulher é a Igreja peregrina), em referencia direta ao povo de Israel, mas nada impede que também seja associada a figura de Maria por tudo que já vimos até agora.

Sobre a relação entre Sagrada Escritura e espiritualidade mariana o documento da ARCIC lembra que:

Muitos cristãos, ao ler a narrativa de Caná, continuam a ouvir Maria instruindo-os: "Fazei tudo o que ele vos disser!", e confiam que ela consiga a atenção de seu Filho para as necessidades deles: "Eles não têm vinho!" (Jo 2,1-12). Muitos experimentam um sentimento de empatia e solidariedade com Maria, especialmente nos pontos cruciais, quando a narrativa da sua vida repercute a deles, por exemplo, a aceitação da vocação, o escândalo de sua gravidez, o ambiente improvisado de seu parto, dar à luz e escapar como fugitiva. Representações de Maria ao pé da cruz e sua imagem tradicional recebendo o corpo crucificado de Jesus (a pietá) evocam o sofrimento de sua mãe diante da morte de seu Filho. Anglicanos e católicos romanos, da mesma maneira, são atraídos pela mãe de Cristo, como uma figura de ternura e compaixão³⁰.

³⁰ ARCIC (2000, p. 56-57).



4. A minha alma engrandece ao Senhor: As celebrações marianas no LOC Brasileiro

Maria está presente em diversas ocasiões na vida da igreja. Particularmente como parte importante da fé cristã, na recitação dominical dos Credos Apostólico ou Niceno (*qui conceptus est de Spiritu Sancto natus ex Maria virgine, ek pneumatos hagiou kai Marias tes parthenou*); nas orações do Comum dos Santos, nos prefácios, nas Orações Eucarísticas e em outros momentos importantes da liturgia.

Como já vimos sua presença na liturgia sobreviveu aos períodos mais tumultuados da Reforma inglesa. O LOC de 1662 continha cinco festas associadas à Maria: Conceção de Maria, Natividade de Maria, Anunciação, Visitação e Purificação ou Apresentação.

Nas páginas 16-17, do Livro de Oração Comum, encontramos as datas das principais festas marianas que podem ser comemoradas no Brasil. São elas: *Anunciação da Bem-aventurada Virgem Maria*, comemorada no dia 25 de março; *Visitação da Bem-aventurada Virgem Maria*, comemorada dia 31 de Maio; *Bem-aventurada Virgem Maria*, celebrada no dia 15 de agosto.

Além dessas datas devemos ressaltar que, o dia 02 de Fevereiro, que consta como sendo APRESENTAÇÃO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO NO TEMPLO, é na verdade a antiga FESTA DA PURIFICAÇÃO DA VIRGEM MARIA, como está documentado no antigo Livro de Oração Brasileiro e no LOC de diversos países (incluindo EUA, Canadá e Inglaterra, de onde a província recebeu maior influência) e que o dia 1º de Janeiro, dedicado ao *Santo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo*, também possui relação histórica com a figura da Virgem Maria, como demonstram as liturgias romana e ortodoxa (Santa Maria, Mãe de Deus e Teotókos).

Como sabemos existe uma clara conexão entre o ciclo das festas marianas e o ciclo natalino. Tanto o 1º de Janeiro (Purificação ou Santo Nome) quanto o 25 de março (Anunciação) fazem referências diretas ao mistério da Encarnação do Verbo; além disso, à semelhança do natal também o Advento possui traços marianos. A eucologia dessas festas muito nos ajuda a entender o lugar de Maria em nossa liturgia.

O próprio da FESTA DO SANTO NOME, 1º de fevereiro, reza *Ó Eterno Pai, que deste ao teu Filho, nascido de Maria, o santo Nome de Jesus, para ser o sinal de nossa salvação; implanta em cada coração, nós te rogamos, o amor daquele que é o Salvador do mundo, nosso Senhor Jesus Cristo que vive e reina contigo e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém*³¹.

Aqui se encontra o essencial da "mariologia" anglicana: A relação indissolúvel entre a Encarnação do Verbo e sua Mãe. É por isso que nossa igreja sempre defendeu o conceito de Theotókos (Mãe de Deus): Maria é para nós a "mãe do filho de Deus" (*Theotókos, Deípara*)³², no evangelho ela é saudada como "a mãe do meu Senhor" (Lucas 1,43).

³¹ LOC, p. 113

³² O termo *Theotokós* foi fundamental para a correta compreensão da natureza de Cristo. Pelikan (2000, p. 86) afirma que "A história não corrobora de modo direto as modernas teorias sobre 'deusas -mães' do



Sabemos que havia muitas dúvidas sobre se Jesus era realmente Deus. O Concílio de Éfeso, no ano de 431, resolveu a questão declarando "Jesus Cristo verdadeiro Deus e verdadeiro Homem". Conseqüentemente, também afirmou que Maria não só é Mãe de Cristo, mas também Mãe de Deus. Se nós dissermos que Maria não é Mãe de Deus, então Jesus Cristo não é Deus e nós não estamos salvos. O título "*Theotókos*" está, na verdade, dizendo mais sobre Jesus Cristo do que sobre Maria.

Maria, portanto, é realmente a Mãe de Deus se duas condições estiverem cumpridas: ela é realmente a mãe de Jesus e Jesus é realmente Deus. Não se pode reconhecer o Filho e não reconhecer a mãe. Ninguém pode afirmar que Jesus é Deus se não tiver Maria como sua mãe. Por isso, nossa Igreja assim a venera com especial devoção.

Essa mesma idéia é retomada na Oração do DIA DE NATAL (Natividade de Nosso Senhor, 25 de dezembro): *Deus Onipotente, que nos deste teu unigênito Filho para que tomasse sobre si a nossa natureza, e **nascesse neste tempo de uma Virgem pura**; concede que nós, que nascidos e feitos teus filhos por adoção e graça, sejamos de dia em dia renovados por teu Santo Espírito; mediante nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina contigo e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém*³³.

Ambas as orações, na sua simplicidade e riqueza, fazem referência ao mistério da Encarnação, Salvação e Santificação iniciada com o "sim" de Maria à vontade do Pai e completadas com o nosso "amém" cotidiano a ação do Espírito Santo. Maria aparece aqui como a "porta" que se abriu permitindo que o Filho de Deus entrasse em sua carne e redimisse a humanidade. Sua Virgindade (*Dei genetrix sancta Virgo*, como afirma o Concílio de Éfeso) sinaliza para nós a sua total entrega ao projeto de Deus. Santo Agostinho afirma que, fazendo referência ao texto do Evangelho (Lc 11,27-28) que *Maria é Bem – aventurada mais por ter acolhido a fé em Cristo do que por ter concebido a sua carne*.³⁴

Maria é modelo para a igreja porque ela concebeu a Palavra de Deus "corde et corpore": no coração e na carne, na oração e na prática: *Por isso, o mistério da virgindade de Maria não se baseia num ascetismo dualista de tipo platônico, mas no mistério da nova criação divina pela graça, que da parte de Deus pressupõe uma soberania plena e da parte do homem uma receptividade total, em virtude das quais Maria se tornou a síntese da humanidade receptiva da salvação e da Igreja mediadora da salvação*³⁵. Assim podemos dizer que começamos e terminamos o ano adorando a Jesus com Maria, sua mãe.

A FESTA DA ANUNCIAÇÃO é uma das mais belas e ricas do nosso calendário. Festejada nove meses antes do Natal, ela aponta para a missão e importância de Maria na história da salvação. Tanto as leituras (Isaias 7,10-14 e Lucas 1,26-38)

paganismo greco-romano e seu suposto significado no desenvolvimento do culto cristão a Maria. Aparentemente, o termo 'Theotókos' era uma criação originalmente cristã, que nasceu da linguagem da devoção cristã a Maria como mãe do divino Salvador e que, finalmente, recebeu justificativa teológica pelos esclarecimentos da Igreja contidos nos testemunhos ortodoxos relacionados a esse assunto".

³³ LOC, p. 112

³⁴ AGOSTINHO, Santo. *De Sacra virginitate*, 3,3 Apud Von Balthasar (1998, p. 171).

³⁵ Von Balthasar (1998, p. 137).



quanto a coleta nos fazem perceber isso. A coleta reza que: "Suplicamos-te, Senhor, que dotes com tua graça os nossos corações, para que, assim como pela **mensagem de um anjo à Virgem Maria havemos conhecido a encarnação de teu filho Jesus Cristo, também por sua paixão e cruz sejamos levados à glória de sua ressurreição**. Por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito santo, um só Deus, agora e sempre. Amém"³⁶

O núcleo central da festa é a narrativa evangélica do Anúncio da chegada do Messias. É o diálogo de Deus com a Virgem Maria propondo-lhe a maternidade do Salvador. Nesse colóquio transparece a própria estrutura íntima da nossa salvação em Jesus: vem de uma iniciativa do amor gratuito de Deus, mas só se realiza mediante a nossa aceitação e consentimento de fé. Aqui, sobretudo, Maria é o protótipo da Igreja e o modelo vivo de cada homem ou mulher salva por Jesus Cristo.

Sabemos que se Deus desejasse a Salvação teria ocorrido sem o "Sim" de Maria. Mas facultar a Maria a escolha dos destinos do mundo, o Senhor nos apresenta sua pedagogia divina. Pois como Eva, protótipo da primeira mulher, junto com o primeiro homem, caíram por sua desobediência e infidelidade, caberia agora a outra mulher, justamente por sua fé e obediência à Palavra de Deus, torna-se Cristo causa de salvação para toda a humanidade. Em outras palavras, é vontade de Deus salvar o homem plenamente, mas salvá-lo pela ação do próprio homem.

A grande mensagem da Anunciação é que Maria, a primeira a crer em Jesus Cristo como Filho de Deus Salvador do mundo, por sua entrega confiante, alegre, total e irrestrita à vontade de Deus torna-se MÃE DE CRISTO na fé. Concebe-O primeiramente no seu coração (na Fé), antes de concebê-la em seu corpo (Biológico). Por isso, é a Ela que se aplicam, em primeiro lugar, a palavra de Jesus: "Minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a Palavra de Deus e a observam" (Lc. 8,21).

A Festa da Anunciação, celebrando a Encarnação nos leva a coleta do 4º DOMINGO DO ADVENTO, que pede que nosso destino seja ligado ao de Maria: *Ó Deus Onipotente, **purifica a nossa consciência com tua visitação diária**, para que o teu Filho Jesus Cristo, na sua vinda em glória, encontre em nós a morada preparada para Si; o qual vive e reina contigo e o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém*³⁷

A FESTA DA VISITAÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA tem por base a ênfase lucana na infância de Jesus com sua Mãe (Lc 1,39-56). O que poderia ter ser visto como um simples ato de solidariedade entre parentas (Maria e Isabel) é elevado a dimensões eclesiológicas e antropológicas. A data atual dessa festa (31 de maio) dificulta sua compreensão litúrgica. Antes ela era celebrada na oitava da natividade de São João Batista (24 de julho) o que realçava o paralelismo e as diferenças entre as duas crianças.

Na coleta desse dia rezamos: *Ó Pai Celestial, **por cuja graça uma virgem pura foi escolhida e abençoada para ser mãe de teu Filho**, Jesus, mas muito mais abençoada em ter ouvido e guardado tua palavra; concede, a nós que honramos a exaltação de sua humildade, sigamos o exemplo de sua devoção à tua vontade. Por*

³⁶ LOC, p. 139

³⁷ LOC, p. 112.



*Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.*³⁸

Aqui Maria é apresentada como modelo de humildade e fidelidade e a ênfase da festa é o encontro entre o "eu" e o "tu" entre "nós" e o "totalmente Outro". É o Senhor que está em nosso meio (Sf 3,14-18). Jesus é o "Deus Conosco" habitando naquele momento o ventre de Maria. Daí por que a expressão de Isabel torna-se o reconhecimento da divindade de Cristo e da dignidade de sua Mãe. Maria responde com um dos mais belos cânticos da bíblia: o Magnificat (Lucas 1, 46-55), um hino de louvor a graça.

As palavras que Maria canta no evangelho de São Lucas (Magnificat) são claramente citações de passagens do Antigo Testamento a respeito dos pobres. É Lucas quem nos fala mais de Maria e ele é muito claro ao dizer que Maria representa o povo humilde de Israel, os pobres e excluídos de todos os tempos.

Maria não representa somente os pobres economicamente, mas representa também os rejeitados socialmente. Do ponto de vista do mundo, Maria era uma mãe solteira e Jesus um filho ilegítimo. Ainda é difícil viver como filho ilegítimo ou como mãe solteira em nossos dias, mas no primeiro século era pior ainda. Contudo, apesar do sofrimento que isso lhe trouxe, Maria se submeteu à vontade de Deus e atendeu a Seu chamado com um firme *Sim!*

Assim, desde o começo, Jesus e Maria foram marcados por uma luta que enfrentariam juntos, e isso foi apenas parte do sofrimento que ela teve de passar por causa dele. Quando Maria levou Jesus ao templo, o ancião Simeão profetizou que Jesus seria a luz dos gentios, e voltando-se para Maria disse: "*Quanto a ti, uma espada também traspassará tua própria alma*" (Lc. 2:35). Às vezes, nos Evangelhos, vemos cenas rápidas de Maria seguindo a Jesus, tentando entendê-lo, "*guardando essas coisas em seu coração*", até o dia em que tudo lhe fosse esclarecido. A propósito, a profecia de Simeão se cumpriu na Sexta Feira da Paixão, quando o Evangelho diz que ela e São João ficaram ao pé da cruz quando todos os restantes haviam fugido. E, em suas últimas palavras, Jesus disse a João, o discípulo amado, "*Eis aí tua mãe*", e para Maria: "*Eis aí teu filho*" (João 19:25.26). É a *Mater dolorosa* (Mãe das dores), símbolo de todas as mães que perdem seus filhos vítimas da violência, do tráfico ou institucionalizada.

E por fim, tendo ficado junto a Ele até os últimos momentos de sua vida. Maria também participou da alegria de Sua ressurreição. A cena final que temos de Maria nas Escrituras ocorre em Pentecostes quando ela recebe o Espírito Santo, junto com os doze discípulos (Atos 1,14).

Finalmente temos a FESTA DA VIRGEM MARIA, MÃE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, celebrada como a principal festa mariana. Tanto os textos (Isaias 61, 10-11, Gálatas 4, 47 e Lucas 1: 46-55), quanto a coleta nos apontam para os aspectos escatológicos dessa celebração. Na coleta rezamos *Ó Deus, que chamaste à tua presença Maria, bem-aventurada mãe de teu Filho Encarnado, por cujo sangue fomos redimidos; concede-nos participar com ela*

³⁸ LOC, p. 140.



na glória do teu eterno reino, por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.

Dois aspectos devem ser ressaltados aqui: o fato de não se entrar em detalhes sobre os "últimos dias de Maria na terra", afirmar seu chamado para junto do Pai e de seu Filho amado (dormição? Assunção?), associar seu destino ao de toda a Igreja. Não deixa de chamar a atenção ainda o caráter claramente ortodoxo da data da festa, ao se manter a palavra "Virgem" associada à Maria, até seus últimos momentos.

Na verdade, contrariando o que alguns pensam, a virgindade perpétua de Maria foi uma crença comum a toda a Igreja até o final do século XIX. Será somente com o surgimento do iluminismo que esses, e outros aspectos do cristianismo, serão reinterpretados ou negados. Vejamos o que disseram os reformadores sobre o tema, *O Filho de Deus fez-se homem, de modo a ser concebido do Espírito Santo sem o auxílio de varão e a nascer de Maria pura, santa e sempre virgem*³⁹ e entre os reformados, *Firmemente creio, segundo as palavras do Evangelho, que Maria, como virgem pura, nos gerou o Filho de Deus e que, tanto no parto quanto após o parto, permaneceu virgem pura e íntegra*⁴⁰.

Também os reformadores ingleses, "como Latimer (Works,2:105), Cramer (Works,2:60; 2:28) e Jewel (Works, 3:440-441) aceitaram que Maria era 'sempre Virgem'".⁴¹ Entre os evangélicos anglicanos essa crença não foi abandonada: *Creio que (Jesus) foi feito homem, unindo a natureza humana à divina em uma só pessoa; sendo concebido pela obra singular do Espírito Santo, nascido da abençoada Virgem Maria que, tanto antes como depois de dá-lo à luz, continuou virgem pura e imaculada*.⁴²

É importante lembrar que essas datas não impedem que outras festas, de santos ou marianas, sejam celebradas na Igreja. O LOC não esgota o número dos santos (p. 16-19). Na verdade, dá-nos apenas uma lista muito seleta dos apóstolos e evangelistas dos tempos do Novo Testamento, e dos santos e mártires da história da Igreja. Mas para outros quaisquer que desejemos comemorar, o LOC provê coletas para o dia de um santo (p. 146-148).

A Comunhão Anglicana nunca adotou critérios gerais para canonizar um santo ou uma santa, em suas liturgias. Existe uma ampla liberdade das igrejas locais e províncias, exercida desde tempos antigos, de elaborar suas próprias listas de santos, cujas vidas têm sido especialmente significativas para elas.

O LOC brasileiro não apenas permite, como incentiva que isso seja feito e apresenta alguns próprios especiais para isso (mártir, missionário, pastor, evangelista, teólogo, catequista, membro de uma comunidade religiosa, patrono de uma paróquia etc).

Finalmente cabe fazer menção às coletas, feitas durante o RITO DE EXÉQUIAS, que confirma a importância da Comunhão dos Santos na nossa Igreja. A primeira reza

³⁹ LUTERO, Martinho. Artigos da Doutrina Cristã apud Nabeto (1998, p.2)

⁴⁰ ZWINGLIO. H. Corpus Reformatorum apud Nabeto (2005, p.2)

⁴¹ ARCIC, p. 37.

⁴² WESLEY, John. Carta dirigida a um católico em 18.07.1749 apud Nabeto (1998, p. 2).



que Ó Deus, cujas misericórdias não podem ser contadas; **aceita nossas orações em favor de teu filho N., que partiu, e concede-lhe entrada ao teu reino de luz e alegria, na comunhão de teus santos;** mediante Jesus Cristo nosso Senhor, que vive e reina contigo e com o Espírito Santo, um só Deus, agora e sempre. Amém.⁴³

A segunda é ainda mais enfática e destaca o lugar especial da Virgem – Maria: Ó Deus, Rei dos Santos, nós te louvamos e glorificamos teu santo nome por todos os teus servos que já encerraram sua carreira em tua fé e temor; **pela bendita Virgem Maria; pelos santos, patriarcas, profetas, apóstolos e mártires;** e por todos os demais teus servos justos, tanto os conhecidos como os desconhecidos; e te rogamos que nós, **estimulados por seus exemplos, ajudados por suas orações e fortalecidos por sua comunhão,** também participantes da herança dos santos na luz; **pelos merecimentos de Jesus Cristo, teu Filho, nosso Senhor.** Amém.

5. Maria nas Orações Eucarísticas

Talvez essa seja a prova de maior piedade anglicana a memória da Bem-aventurada Virgem Maria, pois como sabemos a Eucaristia é o centro de toda a nossa liturgia. O nome de Maria é o único que é citado durante a eucaristia. Ela é mencionada na oração eucarística do Rito II, quando se diz acerca do filho: *Tu O enviaste para assumir a carne humana, nascer da Virgem Maria e ser o Salvador e Redentor do mundo.*

A ênfase na relação entre Maria e o mistério da Encarnação está presente nos prefácios da Encarnação (para ser usado no Natal) e Epifania (Festa da Purificação, Anunciação e Transfiguração) e afirmam que: *Porque nos deste Jesus Cristo, teu único Filho, o qual, por obra do Espírito Santo, nasceu nesse Tempo da Virgem Maria, e foi feito homem, para que nós, libertos do pecado, recebêssemos o poder de sermos filhos de Deus (Encarnação) e Porque, no mistério do Verbo feito carne, fizestes brilhar uma nova luz em nossos corações e conhecer tua glória na face de teu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor (Prefacio da Epifania)*⁴⁴.

Menções a Maria também aparecem no corpo da Grande Oração Eucarística B, que reza: *Ó Pai, de tal maneira amaste o mundo que, na plenitude dos tempos, enviaste teu único Filho para ser nosso Salvador. Feito carne pelo Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria e viveu como um de nós, mas sem pecar.* Ainda nesta mesma Oração, a Virgem aparece uma segunda vez ao se dizer: *E concede que participemos da herança dos Santos, [com a Bem-aventurada Virgem Maria, os Patriarcas, Profetas, Apóstolos e Mártires (e com NN)] e com todos os que tiveram o teu favor nos tempos passados*⁴⁵.

6. Outras devoções marinas

⁴³ LOC, p. 208.

⁴⁴ LOC, p. 100.

⁴⁵ Idem, p. 89.



Vejamos algumas das práticas devocionais anglicanas a Mãe de Cristo. A primeira delas, já foi citada, e é comum a quase totalidade das Igrejas Anglicanas⁴⁶:

A Igreja anglicana, em todo o mundo, tem inúmeras paróquias e catedrais dedicadas à memória da Virgem. Poderíamos fazer referência, por exemplo, a St Mary's Cathedral em Edinburgh, Escócia; à Igreja de St. Mary em Nackington, Inglaterra; a Igreja de St Mary em Hong Kong; e tantas outras Igrejas e catedrais dedicadas à memória da mãe do Salvador. No Brasil, citamos as paróquias da Virgem Maria em Caxias do Sul, RS e de Santa Maria em Belém, PA.

Além disso, um segundo fato que também merece nossa referência, é a prática muito comum em toda Comunhão Anglicana, de se dedicar pelo menos uma capela nas grandes igrejas e catedrais à memória da Virgem, e de se usar, nestes lugares, a figura de ícones marianos. É assim, por exemplo, na catedral de Cantuária que possui no seu lado norte, a Capela da Bem-aventurada Virgem Maria⁴⁷.

A presença da devoção e do respeito a Virgem Maria está presente na existência de belas esculturas, nas igrejas mais antigas (Our Lady of Canterbury" na cripta da Igreja Catedral de Cristo, em Canterbury, por exemplo) ou ressurgimento da iconografia⁴⁸ em diversas partes da Comunhão Anglicana.

Um grande número de igrejas da comunhão tem adotado a liturgia da coroa do Advento, originada dos luteranos da Escandinávia, como uma rica fonte de espiritualidade para o Advento. O último dos domingos (*laudate*, 4º Domingo do Advento) é dedicado à figura da Virgem Maria.

Da mesma forma os anglo-católicos sempre mantiveram viva a devoção mariana no anglicanismo. Como a peregrinação a lugares santos, como o Túmulo de São Tomas Becket ou ao Santuário (Ecumênico) de Nossa Senhora de Walsingham, na Inglaterra, que recebe desde 1061, anualmente milhares de pessoas; além do uso do rosário, meditação do Ângelus e a existência de diversas ordens religiosas com carisma explicitamente mariano (The Community of Our Lady & Saint John, The

⁴⁶ Aquino, p.3.

⁴⁷ Idem, p.4.

⁴⁸ Segundo a tradição ortodoxa o primeiro ícone mariano foi pintado por São Lucas. Os ícones mais importantes são: *Teotókos* (Mãe de Deus: Representada junto com Jesus menino, que tem em suas mãos um pergaminho ou o Livro da Lei.); *Hodeghetria* (Aquele que indica o caminho: Maria, de pé ou no trono, sustenta ao menino Jesus com seu braço esquerdo e o indica com o direito); *Blochernitissa* (A que ora: Apresenta um manto sobre sua cabeça e os braços estendidos para cima, indicando sua missão de intercessora e suplicante); *Panaghia* (Representa Maria como a Toda Santa: Nesta representação Maria e o Menino Jesus ostentam coroas, e ele aponta em direção à Maria indicando a sua santidade); *Glicofilusa* (Representa a Virgem com o Menino Jesus nos braços, encostado em seu rosto, sendo que ela o acaricia. É também conhecida como "Madona amorosa", ou do doce amor, pois a imagem representa uma cena bastante terna entre a mãe e seu filho); *Platynera* (Aquele cujo ceio é mais amplo que os céus: Maria em posição orante, com Jesus em meio busto que abençoa); *Galactotrofus* (Representa a Virgem amamentando o Menino Jesus). Cf. Williams (2002); ARBEX (1998).



Community of St Mary the Virgin, The Community of Blessed Lady Mary, e The Congregation of the Sisters of the Visitation of Our Lady etc).

Finalizamos esse breve estudo, com algumas considerações sobre a hinologia anglicana. Pois como afirmou Santo Agostinho “cantar é rezar duas vezes”. Existe a antiga prática de se cantar o *Magnificat* nas orações vespertinas ou se entoar o *Salve Regina* e o *Ave Maria Stella* nas paróquias de tradição anglo-católicas. O Hinário Episcopal, embora possua poucas músicas que façam referência direta à Maria, conservou algumas dos mais antigos e belos cânticos da piedade mariana no Ocidente. É o caso dos Hinos 199 (*Rosa Mystica*) e o 60 (*Stabat mater*), ambos datados do período medieval⁴⁹:

*Nasceu-nos uma rosa, De antiga geração.
Que trouxe - dadivosa- Amor e salvação.
E deu-nos, com fulgor, Em meio à noite escura,
A glória do Senhor.*

*Cumprindo a promessa, Dos santos de Israel,
É pura, sim, Maria, A Virgem Mãe fiel.
E nos seus braços traz, Renovo assim tão nobre
Que nos dá vida e paz.*

*Rebento esplendoroso, Senhor da redenção,
Concede-nos, bondoso, A tua proteção.
Tu, feito a nós igual, Que tudo em nós redimes,
Liberta-nos do mal.*

Da mesma forma,

*Contemplai a mãe tristonha, Junto aquela cruz medonha
Donde pende o Filho seu; Ela sente a dor imensa,
Quase a mesma dor intensa, Do Senhor, que Deus nos deu.*

*Oh! Quão triste e quão aflita, Era a Virgem, Mãe bendita
Do Unigênito Senhor! Ela chora e se entristece
Junto ao Filho que padece, Junto ao Filho, seu amor!*

*Qual dos homens ficaria, Sem chorar, ao ver Maria
Soluçando por Jesus? Contemplando a mãe que sente
A tragédia ali presente. Quem não sofre ao pé da Cruz?*

*Pelo mal de sua gente, Vê a Virgem ao inocente,
No Calvário padecer; Vê seu Filho desolado
Entregando a Deus, num brado, Seu espírito, ao morrer.*

⁴⁹ leab (1962, p. 19 e p. 60).



*Ó Jesus que exemplo santo. Dessa Mãe que te ama tanto
Dê-me ardor e devoção; Fonte eterna de piedade;
Que eu encontre em humildade, Teu amor e aceitação.*

Por fim o hino *Virgem Maria* (107)⁵⁰, que pode ser entoado nos ofícios em memória da Virgem, em sua rica teologia, resume bem o que escrevemos aqui sobre essa, “que até os anjos invejam”⁵¹. A humilde Maria de Nazaré, Mãe do Senhor, Ícone e companheira da Igreja:

*Honra demos a Maria, Virgem bem-aventurada.
Adoremos a seu filho, luz do céu a nós mandada.
Deus-menino veio à terra, Virgem-Mãe lhe deu beleza.
Fez-se carne o eterno Verbo, Nossa é dele a natureza.*

*Honra ao filho de Maria! Em seu lar de piedade,
Nem pobreza, nem fadiga, Nele impedem a bondade.
Seu amor à mãe bendita é constante, puro e forte;
Se deveres os separam, nela pensa até na morte.*

*Toda a glória ao Pai se oferte, toda a glória ao Filho seja,
Toda a glória ao Parácleto – cante sempre a santa Igreja.
Essa mesma trilogia, lá no céu Maria entoa,
Repetida pelos santos, pela terra inteira ecoa!*

⁵⁰ Idem, p. 107.

⁵¹ O *Megalarion* (hino de louvor ortodoxo) canta nas missas de Natal: *Verdadeiramente tu é santa, Ó Mãe de Nosso Deus/ És mais venerável que os querubins e incomparavelmente mais formosa que os serafins.*



BIBLIOGRAFIA

- AQUINO, Rev. Jorge. **Maria na tradição anglicana**. Texto digitado.
- ARBEX, Monsenhor Pedro. **Teologia orante na liturgia do Oriente**. São Paulo: Ave Maria, 1998
- BÍBLIA. Português. **Tradução ecumênica**. Trad. Do Grupo Ecumênico do Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Ave Maria: o feminino e o Espírito Santo**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo. **O Rosto Materno de Deus**. Vozes, Petrópolis 1979.
- COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. **Maria: graça e esperança em Cristo**. São Paulo: Paulinas, 2005;
- CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS. **A confissão da fé apostólica**. Documento de estudo da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas. São Paulo: Instituto de pós Graduação em Ciências da Religião/ CONIC, 1993.
- DECLARAÇÃO DE MALTA. Disponível em www.encontrocomcristo.org.br/conteudo/comunhadosantos.htm Arquivo capturado em 15 de agosto de 2005
- FORTE Bruno. **Maria, a mulher ícone do Mistério**. Paulinas, São Paulo: Vozes, 1991
- GEBARA, Ivone e BINGEMER, Maria Clara. **Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres**. Vozes, Petrópolis, 1987.
- IGREJA EPISCOPAL ANGLICANA DO BRASIL. **Hinário**. Porto Alegre: Editora Metrópole, 1962, p. 19 e p. 60.
- IEAB/ DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO. **A natureza da fé cristã: uma declaração da Câmara dos Bispos da Inglaterra**. Porto Alegre: 1998
- LACOSTE, Jean- Yves de. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2004
- LAURETIN, René. **Breve tratado de teologia Mariana**. São Paulo: Vozes, 1965
- LUTERO, Martin. **O louvor de Maria: Magnificat**. SINODAL. São Leopoldo, 1991
- PELIKAN, Jaroslav. **Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- NABETO, Carlos Martins. **Evangélicos em Defesa de Maria**. Disponível em www.veritatis.com.br/agnusdei/.htm . Arquivo capturado em 25 de maio de 1998.
- POZO, Cândido. **Maria em la escriptura e en la fé de la iglesia**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1979.
- POZO. Cândido. **Maria en la escritura e en la fé de la iglesia**. 4 ed. Madrid: BAC popular, 1979
- RICOUER, Paul. **O conflito das interpretações**. São Paulo: Imago, 1988
- SARTORE, Domenico. **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Paulinas, 1992
- SCHIMIDT, Ervino. Bem – aventurada Virgem Maria e a busca da unidade. **REVISTA ESPAÇO**, 4 de fevereiro de 1996. p. 119-130.
- SCHNEIDER, Theodor. (org). Mariologia In: **Manual de dogmática**. Vol.2. São Paulo: Vozes, 2001



TAKATSU, Sumio. **Dogmas mariológicos e suas implicações**. In: ASTE - Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ed.). O Catolicismo Romano: um simpósio protestante. São Paulo, ASTE, s.d.

TAVARD, H. Georg. **As múltiplas faces da Virgem Maria**. São Paulo: Paulus, 1999.

TEIXEIRA, Luís Caetano G. **A Bem-aventurada Virgem Maria no Anglicanismo**. In Grande Sinal - Revista de Espiritualidade, Ano LII- 1999/2. Petrópolis, Instituto Teológico Franciscano, 1999

VON BALTHASAR (org). **O culto a Maria hoje**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

WILLIAMS, Rowan. **Ponder These Things**: Praying With Icons of the Virgin. Norwich: Canterbury Press, 2002.